



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia da educação [ST]

---

---

### **O ALUNO COMO *BROKER* NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA?**

---

GONÇALVES, Eva

Doutorada em Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, [evapdgoncalves@gmail.com](mailto:evapdgoncalves@gmail.com)

---

BATISTA, Susana

Doutorada em Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, [susanabatista@fcs.unl.pt](mailto:susanabatista@fcs.unl.pt)

---



### Resumo

O papel que o aluno desempenha na relação entre escola e famílias surgiu como tema de interesse após a elaboração de uma tese sobre as apropriações dos papéis que professores e pais podem assumir na educação, no contexto dos novos modos de regulação do sistema educativo (Gonçalves, 2015). Na análise das entrevistas aos Diretores de Turma (DT) e Encarregados de Educação (EE) surgiram evidências de que os alunos parecem ter um papel ativo na relação entre aqueles atores (Sarmiento, 2005), embora sejam raramente envolvidos em estudos sobre a temática (Silva, 2006).

O objetivo é aferir como o aluno influencia a relação que se estabelece entre o seu DT e o seu EE, respondendo às seguintes questões: em que momentos o aluno é mobilizado pelo DT e EE no âmbito das suas relações? Os EE incluem/ouvem os alunos antes de decidir participar em eventos informais e/ou formais na escola? O aluno assume um papel ativo como mediador ou *broker* da relação?

Para responder a estas questões realizou-se uma análise de conteúdo a entrevistas semiestruturadas aplicadas a alunos do 9º ano de escolaridade recolhidas, mas ainda não exploradas, para o estudo acima referido, em cinco escolas públicas localizadas em três municípios diferentes e caracterizadas por contextos educativos e socioeconómicos distintos. A análise efetuada permitiu identificar os papéis que os alunos podem assumir na relação entre a escola e a família e quais os que se associam aos vários tipos de relação entre DT e EE.

### Abstract

A PhD thesis about the teachers and parents' appropriations of their possible roles in the context of the new modes of regulation of education (Gonçalves, 2015) caught our attention to the role that students may have to influence the relationship between school and families. The results of the content analysis to the interviews applied to teachers and parents showed evidences that students seem to have an active role in the relationships between those actors (Sarmiento, 2005), even though there are rarely involved in studies about this topic (Silva, 2006).

The main objective is to assess how students influence the relationship between their teacher and their parents, answering to the following questions: when is the student mobilized by teachers and parents to the benefit of their relationship? Do parents listen to the students before deciding whether to participate in formal and informal activities within schools? Is the student a mediator or a broker in that relationship?

Content analysis was conducted to semi-structured interviews applied to students in lower secondary education that were collected, but not used, during the study mentioned above, in five public schools located in three municipalities and characterized by different educational and socioeconomic contexts. Through the analysis it was possible to identify the roles students may have in the relationships between teachers and parents and which role can be associated to each type of relationship.

Palavras-chave: Relação escola-família, Aluno, Regulação

Keywords: School-Family Relationship, Student, Regulation

[COM0224]



## **1. Enquadramento e objetivos**

Os estudos dedicados à temática da relação entre a escola e a família são vastos quer na área da sociologia quer das ciências da educação. Uma das principais conclusões advindas de vários desses estudos é que existe uma multiplicidade de atores que pode exercer influência sobre os modos de relacionamento entre professores e pais ou encarregados de educação, sendo um deles os alunos (Silva, 2006). Ora os alunos podem desempenhar um papel ativo nessa relação, papel que tem sido muitas vezes ignorado (Sarmiento, 2005) sendo estes atores geralmente pouco ou nada ouvidos (Silva, 2006).

A importância que o aluno pode assumir na relação que se estabelece entre os seus professores e encarregados de educação tem sido relacionada com o facto poder desempenhar o papel de meio de transmissão de informação entre professores e pais (Gonçalves, 2015; Perrenoud, 1987; Sarmiento, 2005); na sequência da forma como os alunos se apropriam das aprendizagens para o sucesso escolar (Benavente, 1993); pela forma como se comportam enquanto alunos nos contextos escolar e familiar (Gonçalves, 2015); e também pela possível influência que possam exercer sobre as decisões parentais de participar ou não na escola (idem).

A possibilidade de contribuir para o aprofundamento do estudo sobre o papel do aluno na relação entre escola e família surgiu no seguimento da conclusão de uma tese de Doutoramento sobre a apropriação dos papéis que professores e famílias podem desempenhar, no quadro da redistribuição das responsabilidades decorrente da implementação de modos de regulação partilhados entre Estado e atores locais, em diferentes contextos sociais e educativos. No âmbito desta tese foram realizadas entrevistas junto de alunos que acabaram por não ser utilizadas devido à grande quantidade de informação recolhida, embora mantendo o objetivo de as mobilizar mais tarde relacionando os resultados da análise com os obtidos através das análises às entrevistas aplicadas aos respetivos diretores de turma e encarregados de educação apresentados (Gonçalves, 2015).

Em resumo, este artigo tem como objetivo aferir como o aluno aparece na relação que se estabelece entre os professores, mais especificamente o seu diretor de turma, e o seu encarregado de educação, respondendo às seguintes questões: em que momentos o aluno é mobilizado pelo seu diretor de turma e encarregado de educação no âmbito das suas relações? Os encarregados de educação incluem ou ouvem os alunos antes de decidir participar em eventos informais e/ou formais na escola? O aluno assume um papel ativo como mediador ou *broker* da relação?

## **2. Eixos de influência e tipos de relação entre a escola e as famílias**

O modelo de análise utilizado foi construído a partir de três ideias retiradas da teoria do ciclo morfogenético de Margaret Archer (1979) e da teoria da estruturação de Anthony Giddens (1984): i) Os sistemas educativos são parte integrante da estrutura de uma sociedade sendo simultaneamente determinados pelos contextos históricos e socioeconómicos de um país e determinantes das relações sociais ao nível meso e micro; ii) Nas relações sociais meso e micro, os indivíduos podem ser atores quando decidem agir totalmente de acordo com os papéis que lhes são definidos, neste caso pelos sistemas educativos, ou agentes quando escolhem não seguir as orientações nacionais do sistema educativo ou alterá-las de alguma forma; iii) Apesar da possibilidade de poderem agir como agentes, os indivíduos geralmente optam por seguir as orientações nacionais.

Com base nessas noções e tendo em conta várias investigações sobre a temática da relação entre a escola e as famílias, construiu-se um modelo de análise no qual essa relação pode ser influenciada por quatro dimensões: i) as orientações nacionais construídas com base nas influências internacionais, nas apropriações dessas influências pelo governo central e na evolução histórica da relação escola-família na legislação portuguesa; ii) as orientações escolares, ou reinterpretações que os líderes escolares fazem dos normativos legais consoante os contextos organizacionais e socioeconómicos das respetivas

comunidades; iii) o contexto relacional entre escolas e organizações familiares (associações e elementos representantes dos pais e encarregados de educação); iv) o contexto socioeconómico das famílias e o percurso escolar do aluno.

Os resultados obtidos no estudo realizado no âmbito da tese de Doutoramento referida anteriormente que resultam das análises às entrevistas aplicadas a diretores de turma e aos encarregados de educação, revelam que os alunos intervêm mais nas relações entre a escola e a família do que o previsto no modelo de análise inicial em que se partia apenas da possibilidade dessa relação também se ajustar de acordo com o seu percurso escolar, ou seja, à forma como se apropriam das aprendizagens (Benavente, 1993) ou se comportam enquanto alunos (Gonçalves, 2015).

### **3. Opções metodológicas**

As opções que a seguir se apresentam foram consideradas as mais adequadas para responder às questões colocadas, tentando aferir quais os papéis que os alunos podem assumir na relação entre os seus professores e encarregados de educação e se as influenciam ou não.

O estudo de casos múltiplos foi a metodologia selecionada para conduzir este estudo com o objetivo de analisar uma grande quantidade de informação, análise acompanhada de forma permanente de uma reflexão sobre as questões que orientam o estudo (Yin, 2009). A natureza das metodologias qualitativas utilizadas neste estudo não permite retirar conclusões para o universo das escolas selecionadas nem para o contexto nacional. Esperamos apenas contribuir com novos caminhos teóricos para futuras investigações sobre o papel que o aluno pode assumir na relação entre as escolas e as famílias (Zanten, 2006).

Os cinco agrupamentos de escolas e escola não agrupada selecionados, que passamos a designar simplesmente por “escola” por comodidade de expressão, foram propositadamente escolhidos por representarem realidades escolares diferenciadas pelas suas localizações geográficas no contexto nacional, pelo contexto socioeconómico da maioria dos agregados familiares e pelos resultados escolares médios. Em cada escola foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a três alunos do 9º ano (numa das escolas foram selecionados quatro alunos devido a um recente processo de agregação de escolas), num total de 16 alunos, sendo também entrevistados os seus respetivos diretores de turma (total de 14) e encarregados de educação (total de 16).

Na Tabela 1 encontram-se algumas das características das cinco escolas que demonstram a diferenciação entre as caracterizações socioeconómicas e escolares que levou à sua seleção; assim como a identificação dos contextos socioeconómicos dos agregados familiares dos alunos e dos seus percursos escolares até ao início do 9º ano de escolaridade.

Escola/ Alunos	Localização Geográfica	Nº de Alunos (total)*	Habilitação das mães (anos)*	Ação social escolar A (%)*	Resultados exames nacionais (média)**	Contextos dos alunos <sup>i</sup>	
						Socioeconómico	Percurso escolar
<b>Escola A</b>	Interior semiurbano	955	8,8	31	2,88 (N=68)		
	<b>Aluno A1</b>					Médio baixo	Insuficiente
	<b>Aluno A2</b>					Alto	Bom
	<b>Aluno A3</b>					Médio	Bom
	<b>Aluno A4</b>					Baixo	Suficiente
<b>Escola B</b>	Urbano qualificado	1007	12,2	23	3,27 (N=64)		
	<b>Aluno B1</b>					Baixo	Suficiente
	<b>Aluno B2</b>					Médio alto	Muito bom
	<b>Aluno B3</b>					Médio	Suficiente
<b>Escola C</b>	Semiurbano	519	10,2	16	2,85 (N=29)		
	<b>Aluno C1</b>					Médio alto	Muito bom
	<b>Aluno C2</b>					Alto	Suficiente
	<b>Aluno C3</b>					Médio alto	Mau
<b>Escola D</b>	Urbano qualificado	998	15,6	4	3,32 (N= 150)		
	<b>Aluno D1</b>					Médio	Muito bom
	<b>Aluno D2</b>					Médio alto	Insuficiente
	<b>Aluno D3</b>					Médio alto	Muito bom
<b>Escola E</b>	Urbano desqualificado	1578	9,5	33	2,52 (N=78)		
	<b>Aluno E1</b>					Médio alto	Muito bom
	<b>Aluno E2</b>					Médio alto	Muito bom
	<b>Aluno E3</b>					Baixo	Muito bom

Tabela 1 - Caracterização das escolas<sup>ii</sup> e contextos familiar e escolar dos alunos

A opção de seleccionar alunos do 9º ano de escolaridade, com o mínimo de 14 anos de idade, prende-se com duas razões. A primeira tem a ver com a autonomia procurada pelos adolescentes e/ou trabalhada pela família que se começa a desvincular das tarefas escolares (Faria, 2006). A segunda razão tem a ver com o facto de o 9º ano representar o fim da escolaridade básica e que antecede a entrada no Ensino Secundário pelo que o aluno terá de escolher a área de estudos e via de ensino a seguir, representando um momento importante de decisão que poderá reaproximar os encarregados de educação de outros atores escolares.

Após a transcrição das entrevistas foi realizada análise de conteúdo com o auxílio do programa informático MaxQDA, seguindo os quatro tipos possíveis de relações que se podem estabelecer entre os professores (mais propriamente os diretores de turma) e os encarregados de educação.

A relação entre a escola e as famílias pode ser designada de envolvimento ou de participação parentais, envolvimento parental (EP) quando o encarregado de educação age em benefício do seu próprio educando, participação parental (PP) quando as suas ações beneficiam todos os alunos e todas as outras famílias (Davies, 1989). O envolvimento parental dos encarregados de educação pode ter lugar no espaço familiar (com o controlo e ajuda à realização dos trabalhos de casa e ao estudo, com as conversas sobre o dia-a-dia dos alunos e suas expectativas de futuro e outras atividades semelhantes) ou no espaço escolar quando se trata da comunicação entre o encarregado de educação e o diretor de turma do seu educando independentemente da via de comunicação utilizada (Silva, 2007). Com as recentes políticas de regulação da educação que redistribuíram várias responsabilidades pelos atores locais, nomeadamente às famílias dos

alunos que passaram a ser representadas em vários órgãos de gestão escolar (conselhos de turma e conselho geral) e a ter de ser ouvidas na vida escolar (também através das associações de pais), tornou-se necessário distinguir essa participação parental, a formal, da participação informal quando os pais ou encarregados de educação participam em todas as restantes atividades escolares, como no auxílio à organização de eventos ou à participação na sala de aula, por exemplo (Gonçalves, 2015). Os quatro tipos possíveis de relação entre professores e as famílias serão designadas por: EP familiar, EP escolar, PP formal e PP informal.

A análise de conteúdo debruçou-se sobre as opiniões dos alunos sobre como deve ser a relação entre a escola e os diretores de turma e os encarregados de educação; as posições dos alunos face às relações existentes entre diretor de turma e encarregado de educação, procurando identificar não só o conhecimento que delas revelam, mas também a sua opinião acerca das relações estabelecidas; e as formas de mobilização dos alunos por parte dos diretores de turma e dos encarregados de educação no âmbito das suas relações.

Através da análise de conteúdo das 16 entrevistas aplicadas aos alunos assinalaram-se todas as opiniões, posições e mobilizações para cada um dos tipos de relação possíveis entre a escola e as famílias e ao conjunto de segmentos identificados em cada tipo foram identificados papéis que o aluno assume na relação entre diretores de turma e encarregados de educação e que a podem facilitar ou prejudicar. Os resultados em termos de possíveis papéis a assumir pelos alunos serão ilustrados com excertos das entrevistas. O processo de sistematização das respostas dos alunos serviu também para criar variáveis de dois atributos, ausência ou presença, de cada um dos papéis identificados para cada um dos 16 alunos, permitindo lançar essas novas variáveis, enquanto supletivas, no plano previamente construído no qual se identificam quatro tipos de relações entre Diretores de Turma e Encarregados de Educação (que será explicado mais adiante), através da aplicação de uma Análise de Correspondências Múltiplas com o auxílio do programa informático SPSS. O objetivo é identificar com qual tipo de relação se associam os vários papéis que os alunos podem assumir nessas mesmas relações.

#### **4. Papéis dos alunos nos quatro tipos de relação entre a escola e as famílias**

Os resultados que se apresentam de seguida combinam as três dimensões de análise – Opiniões, Posições e Mobilizações – e encontram-se sistematizados de acordo com os tipos de relação possíveis entre escola e família de forma a garantir a comparabilidade com os resultados das análises realizadas às entrevistas aplicadas aos diretores de turma e aos encarregados de educação.

##### **4.1. Papéis dos alunos quanto ao EP familiar**

No que respeita à relação entre diretor de turma (DT) e encarregado de educação (EE) de tipo EP familiar, ou seja, que foca a forma como orientar o educando no trabalho e vida escolar, identificaram-se dois possíveis papéis a assumir pelos alunos.

##### **a) Seguidor das orientações do DT e/ou do EE com manutenção da autonomia**

Neste papel os alunos aceitam as orientações que DT e EE dão sobre como organizar o trabalho escolar no espaço familiar por parte dos alunos, como se pode verificar nas seguintes citações:

*“O acompanhamento [do DT e do EE] agora é mais, para estudar e assim. Também tirei um bocado de más notas.” C3*

*“Às vezes quando ela [EE] chega e pergunta é que eu faço. Distraio-me com a playstation.” D3*

No entanto, essa aceitação apenas se verifica no caso dos alunos que se encontram em situação de insucesso e/ou com problemas ao nível do comportamento, registando-se em todos os alunos a opinião de que a escola é o seu espaço e não o dos seus pais assim como o desenvolvimento de alguns mecanismos de manutenção da sua autonomia:



*“Não têm que saber de tudo. Têm que saber um resumo, só um bocadinho.” B1*

*“Essa parte [assuntos pessoais e dos amigos] é a que tem mais privacidade, se tivermos algum problema falamos, mas evitamos.” D2*

Todos os alunos afirmam que conversam com os DT e com os EE, mas que não contam tudo o que se passa na escola ou com os amigos.

#### **b) Aliado dos DT e EE**

Este foi um papel apenas identificado em dois casos e para tratar de assuntos especiais relativos a outros colegas a pedido dos seus DT e dos EE. A seguinte citação serve de exemplo:

*“Eu já tive um caso que fui um bocado estúpido para com um rapaz no autocarro, e que estava a passar um problema com os pais e ele era muito gozado por todos. E a minha DT veio-me pedir a ver se eu acalmava o pessoal para não gozarem com ele e consegui, acalmei os ânimos.” C2*

Estes dois possíveis papéis surgem nas escolas, independentemente dos contextos socioeconómicos familiares, das características dos estabelecimentos escolares e mesmo independentemente da existência de orientações escolares claras quanto à ajuda que os DT devem oferecer às famílias e aos Alunos no âmbito do EP familiar. Apenas os percursos escolares (situações de insucesso e/ou problemas comportamentais) parecem influenciar a sua aceitação por parte dos alunos das orientações dos seus DT e EE, embora sempre tentando manter a sua autonomia.

### **4.2. Papéis dos alunos quanto ao EP escolar**

Relativamente ao EP escolar, ou seja, ao processo de comunicação direta ou através de um meio de comunicação, os alunos revelam também assumir dois papéis.

#### **a) Opositor aos encontros sem motivos prementes entre DT e EE**

Os alunos afirmam que o DT e o EE devem falar sobre o seu desempenho escolar e comportamento na escola ou sobre as regras da escola, embora geralmente considerem que essas conversas devem focar apenas o educando específico de cada EE e que os encontros individuais entre esses atores (fora das reuniões de pais) só se devem realizar quando existirem problemas a resolver.

*“Acho importante para se manterem informados. Por exemplo, este ano mudaram as [regras]de conduta e os critérios de avaliação.” E3*

*“Para saberem os problemas que os alunos têm, para saber as notas, avaliação, tudo. Para ver o que é que os alunos escondem aos pais, que muitas vezes escondem certas coisas.” A1*

*“Saber como eu me comporto, aproveitamento, se estou a melhorar se estou a piorar. Não devem perguntar em relação à turma porque, pelo menos na minha opinião, acho que não se deviam meter na vida dos outros.” C2*

Todos afirmam de forma perentória que preferem que os seus EE se mantenham afastados da sua vida no espaço escolar, respondendo à questão sobre se os seus EE deviam vir mais vezes à escola algo como:

*“Vem as vezes que são necessárias. Já chegam assim.” A3*

#### **b) Meio de circulação da informação**

Com exceção dos alunos da escola C, localizada numa pequena comunidade onde é mais fácil que os DT se cruzem com os EE em vários pontos do concelho, e da escola D, onde existem orientações estratégicas claras para que a comunicação com as famílias seja feita através de *email* para uma comunicação mais rápida, regular e direta, os alunos são mobilizados como meio de transmissão de informação entre DT e EE nas outras escolas.

*“[O EE] vem quando o DT a chama, mas por iniciativa quase nunca. Que eu é que levo sempre as informações todas.” A1*

Nas escolas onde o contacto entre DT e EE é direto, seja pela dimensão reduzida da escola/ comunidade seja por implementação de uma orientação estratégica da direção escolar, os alunos deixaram de ter este papel. Nas outras, ainda se verifica de forma bem acentuada esta questão do aluno como meio de comunicação entre DT e EE.

### **4.3. Papéis dos alunos quanto ao PP formal**

No âmbito deste tipo de relação entre DT e EE, relacionada com a participação dos EE na associação de pais ou como representantes de pais e EE no Conselho Geral e nos Conselhos de Turma quer como representantes quer como representados, os discursos dos alunos apontam para três papéis.

#### **a) Transmissor da informação**

Pontualmente, os alunos são mobilizados para transmitir informação dos representantes de pais e EE para outros EE de cada turma. Nomeadamente, na escola C onde vigora uma orientação da direção escolar sobre como esses representantes devem agir de forma a comunicar regularmente com os seus representados (sobretudo para recolher sugestões e opiniões e para transmitir o que foi debatido e decidido nos Conselhos de Turma). Como parte dessa estratégia, cada aluno tem de entregar uma carta do representante das famílias ao seu respetivo EE. A citação demonstra essa orientação:

*“A minha EE recebe [informações do representante dos pais e EE]. No final de cada reunião intercalar o representante de turma faz um papel e depois dá-nos para nós entregarmos ao EE.” C1*

Existe uma estratégia semelhante na escola D também relativa ao papel dos Representante dos pais e EE de turma, onde o Aluno não é mobilizado como meio de comunicação porque o representante tem os *emails* de todos os representados, o que facilita a circulação direta da informação. O aluno apenas é mobilizado como meio de comunicação numa das escolas onde isso faz parte da estratégia de escola para a PP das famílias ao nível do Conselho de Turma.

#### **b) Incentivador à PP formal do respetivo EE**

A opinião dos alunos sobre a PP formal das famílias nas escolas parece mudar consoante o papel que o EE desempenha na escola. Todos os alunos com EE a desempenhar um papel formal na escola afirmam que os EE podem e devem participar nas estruturas formais, afirmando como exemplo:

*“Os pais, ao trabalharem com os DT, podem desenvolver um melhor ambiente na escola, trabalhar com a administração, melhorar a comunicação das regras da escola, com os educandos e assim desenvolver uma estrutura escolar mais forte.” E3*

#### **c) Opositor à PP formal do respetivo EE**

Os outros afirmam que os EE ou não devem participar formalmente na escola ou então que pouco podem fazer, afirmando por exemplo que:

*“Sinceramente essa parte acho que não. Tem de ser mesmo os professores e os diretores nesses assuntos.” C2*

Neste tipo de relação entre professores e famílias, o papel do aluno como meio de comunicação entre representantes de pais e EE e os seus representados e o papel de incentivador ou de recusa da participação formal dos EE parece ser influenciado pelas estratégias definidas pelas direções escolares e com o papel que os EE assumem no espaço escolar.

#### **4.4. Papéis dos alunos quanto ao PP informal**

O papel que os alunos podem assumir parece intensificar-se no que respeita à PP informal, ou seja, quando os EE se voluntariam para auxiliar professores e escola em eventos de natureza variada que não tenham a ver com a participação formal (cf. organização de festas, eventos culturais, participação na sala de aula).

##### **4.4.1. Decisor principal nas decisões de participação dos EE**

Para a maioria dos alunos, os EE podem organizar e participar em eventos informais na escola, mas sobretudo quando a escola lança esse desafio. Os alunos com EE mais participativos referem mesmo que a escola podia fazer mais desses eventos pois traria benefícios.

*“Quando é pedido pode participar nas atividades.” B2*

*“A escola devia fazer mais, até para ter melhor comunicação e ter uma melhor relação com os pais.” E2*

Os outros alunos afirmam preferir que os EE não participem nas festas ou noutros eventos informais da escola ou que lhes é indiferente, e nesses casos, os respetivos EE optam por não participar.

*“Só se for naquelas coisas que a escola organiza e que se podem voluntariar, no máximo. Mas prefiro que não venham, este é o meu espaço.” C2*

*“Acho que se ele quiser vir melhor se ele não quiser não me faz diferença.” D2*

Quer os alunos considerem que os EE podem e/ou devem participar, quer prefiram que os seus EE não participem, os resultados da análise às entrevistas dos EE demonstram como as posições assumidas pelos alunos quanto a este tipo de relação entre professores e famílias contribuem para as suas decisões finais sobre a sua participação em eventos informais.

#### **5. Os papéis dos alunos nos tipos de relação entre Diretores de Turma e Encarregados de Educação**

O sistema de categorias construído para e durante a análise de conteúdo das entrevistas aos DT e aos EE dos alunos entrevistados foi transformado em variáveis de duas modalidades – presença ou ausência – com o objetivo de aplicar uma análise de correspondências múltiplas a partir da qual se pudessem identificar tipos de relações entre aqueles atores<sup>iii</sup>. O plano constituído pelas duas dimensões identificadas a partir da leitura das medidas de discriminação das variáveis ativas e da análise das quantificações e contribuições das respetivas categorias (dimensão 1, sobre o nível de cooperação entre DT e EE; dimensão 2, sobre a proximidade ou distanciamento da relação DT-EE), coloca em evidência quatro tipos de relações (Figura 1):

**A. Relação Limitada:** a relação entre DT e EE é próxima, mas pouco cooperante, sobretudo porque as ações dos EE tendem a focar a comunicação regular com os DT sem assumir outros papéis ao nível da participação, sobretudo a formal.

**B. Relação Colaborativa:** quando a relação entre DT e EE é próxima e bastante cooperante porque ambos se responsabilizam pelo aluno e os EE assumem outros papéis na escola ao nível da participação parental.

**C. Relação Orientadora/Reguladora:** relação muito cooperante, mas mais distanciada em que os DT tentam orientar os alunos também nas atividades do âmbito do envolvimento parental e tendem a não aceitar a participação formal dos EE; e os EE intencionam atuar como uma espécie de acionistas na escola, nomeadamente, através dos papéis assumidos ao nível da participação formal, ou mais reguladores, e não aceitam tão bem as orientações dos DT quanto à educação do seu próprio educando.

**D. Relação Distanciada:** em que a relação entre DT e EE é distanciada e pouco cooperante, baseando-se unicamente na comunicação nas reuniões de pais ou quando estritamente necessário e numa postura de aceitação total por parte dos EE de todas as propostas da escola e/ou professores.

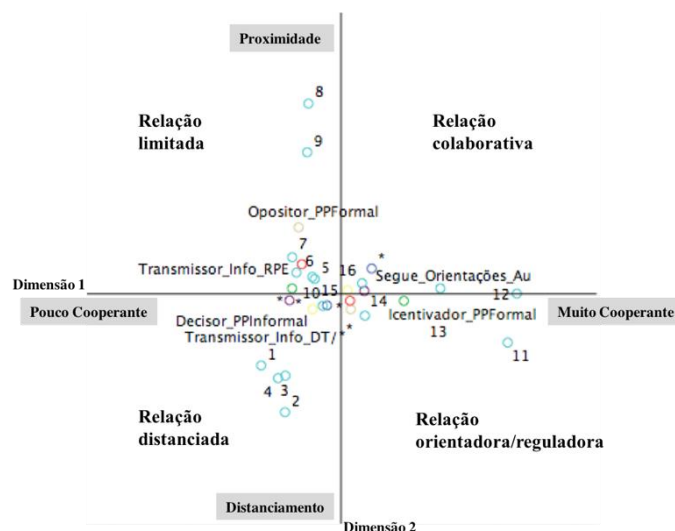


Figura 1 – Associação dos papéis dos alunos aos tipos de relação DT-EE. Fontes: Entrevistas aos DT, EE e Alunos; extraída do SPSS – Análise de Correspondências Múltiplas.

Seis dos papéis assumidos pelos alunos foram lançados no plano enquanto variáveis supletivas, de maneira a analisar as associações com as configurações das variáveis ativas (Figura 1), com o objetivo de verificar as associações entre cada uma dessas variáveis e os tipos de relação entre DT e EE previamente identificados. Desta análise foram retirados dois papéis por não discriminarem nenhum dos tipos de relação: o aluno como aliado do DT/EE e o aluno opositor aos encontros regulares entre DT e EE quando não existem problemas a resolver.

Ao tipo de Relação Colaborativa entre DT e EE associa-se o papel do aluno enquanto seguidor das orientações de ambos sempre que existam problemas de aprendizagem ou do foro comportamental, embora com a constante manutenção da sua autonomia no espaço escolar.

O aluno enquanto incentivador da PP formal dos EE surge associado à Relação Orientadora/Reguladora, onde os EE tendem a assumir eles próprios papéis mais reguladores na escola.

Já na Relação Distanciada, surgem associados os papéis dos alunos como decisor principal acerca da PP de carácter informal dos EE nas várias atividades realizadas na escola e para as quais são convidados, e o de transmissor de informações entre DT e EE, processo no qual o aluno assume o poder sobre a mensagem que é transmitida e, sobretudo, sobre o tempo que a mensagem demora a passar do emissor para o recetor.

Por último, na Relação Limitada associam-se os papéis do aluno como opositor à PP formal dos EE, muitas das vezes simplesmente porque não lhe atribui sentido, e o papel de transmissor entre os representantes das famílias nos órgãos escolares e os EE.

## 6. Reflexões finais

O papel do aluno na relação entre escola e famílias, ou mais propriamente entre DT e EE, pode ser bastante ativo. Confirma-se que o percurso escolar do aluno pode influenciar a relação escola-família, sobretudo ao nível do EP familiar, quando os alunos aceitam que DT e EE o orientem nas suas atividades escolares. No entanto, os alunos apenas aceitam essas orientações quando existem problemas de aprendizagem e/ou comportamentais a resolver, tentando sempre manter a sua autonomia através do controlo da informação

sobre a sua vida no espaço da escola, sobretudo a que não diga exclusivamente respeito a questões relacionadas com o sucesso escolar. Os alunos podem mesmo ser mediadores da relação entre DT e EE, por exemplo, quando são mobilizados como meio de transmissão de informações várias quer entre professores e EE quer entre representantes formais das famílias nos órgãos de gestão escolar e os seus representados, e até mesmo nos raros casos em que são mobilizados pelos DT e/ou EE para resolver problemas de outros alunos.

Os resultados apresentados demonstram claramente como o aluno também pode ser uma espécie de *broker* da relação que se estabelece entre os seus DT e EE, na medida em que tem opiniões e assume posições claras quanto ao envolvimento e participação parentais. Tal é visível nos casos em que é o aluno que decide pelos seus EE se estes participam ou não nas atividades que as escolas organizam para a participação informal das famílias (como festas, exposições), e ainda quando declaram de forma veemente a sua opinião acerca da PP formal dos seus EE na escola, ora opondo-se-lhe ora afirmando que o EE pode participar na associação de pais ou como representante dos pais e EE no Conselho Geral ou de Turma.

Identificou-se também que os alunos cujos EE assumem papéis ao nível da PP formal ou que são mais participativos em eventos informais têm opiniões contrárias às dos seus colegas considerando que ambos os tipos de participação podem ser benéficos. Nestes casos, os alunos tornam-se mediadores ou mesmo facilitadores das relações entre a escola e as famílias tornando claro que as opiniões e posições dos alunos também podem ser moldadas pela realidade que o circunda, mais favoráveis quando professores e famílias são mais próximas e cooperantes e menos favoráveis nas situações opostas.

Em futuras investigações sobre o papel do aluno na relação entre a escola e as famílias, seria interessante explorar de forma mais aprofundada estes resultados, sobretudo, os vários papéis que os alunos podem assumir na relação entre DT e EE.

## Referências

- Archer, Margaret (1979). *Social origin of educational systems*. London: Sage Publications.
- Benavente, Ana (1993). *Mudar a escola, mudar as práticas: um estudo de caso em educação ambiental*. Lisboa: Escolar Editora.
- Davies, Don (1989). *As escolas e as famílias em Portugal – Realidade e Perspetivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Faria, Susana (2006). O envolvimento familiar no processo de decisão dos jovens à saída do 9º ano, *Interações*, 2, 113-140.
- Giddens, Anthony (1984). *The constitution of society*. Cambridge: Polity Press.
- Gonçalves, Eva (2015). *A Escola e a Família, uma parceria ou uma simples aproximação? Uma análise comparada de políticas, estratégias, práticas e resultados*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Perrenoud, Philippe (1987). « Le ‘Go-Between: entre la famille et l’école, l’enfant messenger et message ». In Philippe Perrenoud & C. Montandon (Ed.), *Entre Parents et enseignants: un Dialogue Impossible* (pp. 49-87). Berna: Peter Lang.
- Sarmento, Teresa (2005). (Re)pensar a interação escola-família, *Revista Portuguesa da Educação*, 18(001), 53-75.
- Silva, Pedro (2006). Escolas, Famílias e Lares, um caleidoscópio de olhares, *Interações*, 2, 1-8.
- Silva, Pedro (2007). Associações de pais, interculturalidade e clivagem sociológica: algumas questões, *Revista Eletrônica da Educação*, 1(1), São Carlos: UFSCar, 3-30.

Yin, Robert (2009). *Study Research. Design and Methods*. California: Sage Publications.

Zanten, Agnès (2006). “Interdependência competitiva e as lógicas da ação das escolas: uma comparação europeia”. In João Barroso (Org.), *A regulação das políticas públicas da educação. Espaços, dinâmicas e atores*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Educa | Unidade I&D de Ciências da Educação.

---

<sup>i</sup> O contexto socioeconómico dos alunos foi calculado em função do nível de escolaridade, a profissão e a situação profissional da mãe e do pai, o número de pessoas do agregado familiar e o escalão da ação social escolar; o percurso escolar dos alunos foi definido tendo em conta as classificações internas de Matemática e de Português obtidas no final dos 1º e 2º ciclos e no ano anterior à da recolha de dados e do número de reprovações do aluno ao longo do percurso escolar. O contexto socioeconómico dos alunos pode variar de acordo com o somatório de todas as variáveis incluídas na construção deste indicador: baixo (19-26), médio-Baixo (27-34), médio (35-42), médio-Alto (43-49), alto (50-56); o mesmo se aplica ao indicador relativo ao percurso escolar do aluno: mau (1-7), insuficiente (8-13), suficiente (14-19), bom (19-24), muito bom (25-31). Os procedimentos utilizados encontram-se descritos nos anexos B e C da tese de Doutoramento referida ao longo do artigo (Gonçalves, 2015). Todas as informações utilizadas foram recolhidas junto de cada um dos alunos e respetivos EE.

<sup>ii</sup> Na tabela incluíram-se algumas das variáveis utilizadas no processo de seleção das escolas; foram utilizadas outras como a percentagem de alunos que frequenta o ensino regular, o grupo profissional de ambos os pais, a percentagem de mães de nacionalidade estrangeira, a oferta educativa e a taxa de conclusão do 9º ano de escolaridade e alguns aspetos distintivos considerados importantes (Gonçalves, 2015). Os dados apresentados na tabela foram retirados das seguintes fontes: \* Sistema de Informação do Ministério da Educação (MISI), 2014, base cedida pelo Conselho Nacional de Educação, com dados recolhidos no ano letivo de 2011-2012; \*\* Júri Nacional de Exames, 2012.

<sup>iii</sup> O processo de aplicação desta Análise de Correspondências Múltiplas pode ser consultado em Gonçalves, 2015.